



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

O Diário íntimo e a possibilidade da experiência

ALCARAZ, Marcelo Barbosa¹

ALCARAZ, Rita de Cássia M²

Resumo

Walter Benjamin afirma que um dos personagens fulcrais da modernidade é o jogador, pois sua vida é marcada por um eterno recomeçar. Na guerra pode-se encontrar a mesma alusão. Ela produz a mesma falta de sentido para quem participa dela, mas há na categoria da testemunha, conceito estudado por Giorgio Agamben, um olhar crítico sobre o horror da guerra. A escrita do diário de guerra é uma possibilidade de sentido diante do horror; é o resgate do humano na necessidade de narrar, por isso esse trabalho tem como objetivo principal relacionar a forma do diário íntimo à possibilidade do homem contemporâneo de ressignificar sua história. A partir de uma escrita de diário mais específica, o diário de guerra, engendra-se um sentido provisório, cujo significado reside no ato da própria escrita. Para ilustrar estas questões nos serviremos de alguns diários de guerra escritos por jovens, das mais variadas idades, países e condições sociais, estudados no livro “Vozes roubadas” de Zlata e Challenger

¹ Doutorando pela Universidade Federal de Santa Catarina – Brasil. marceloalcaraz@ibest.com.br

² Professora da Universidade Positivo. rita.alcaraz@ibest.com.br



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

O Diário íntimo e a possibilidade da experiência

Introdução

Aqui, mesmo as montanhas parecem repousar apenas sob a luz das estrelas; são elas lenta e secretamente devoradas pelo tempo; nada é para sempre, a imortalidade abandonou o mundo para encontrar um incerto abrigo na escuridão do coração humano, que ainda tem a capacidade de recordar e dizer: para sempre. (ARENDETT, pág. 73)

Este trabalho tratará da importância das representações e imagens de dois diários íntimos produzidos em tempos de guerra. Os dois são textos separados por algumas décadas e são escritos por jovens de culturas diferentes. O primeiro foi escrito por Zlata Filipovic, menina de doze anos que sobreviveu à guerra nos balcãs na década de noventa; o segundo, escrito por um jovem americano, Ed Blanco, no Vietnã. A escolha pessoal por esses diários diz respeito ao impacto narrativo em que se delinea a relação entre testemunho, experiência e narração. Apesar de culturas diferentes, os diaristas possuem visões distintas sobre a guerra, Zlata condena a guerra, Ed Blanco, combatente de guerra, não a condena, nem a aprova, ele a vive, com seus horrores, mortes e traumas. Essas experiências, distantes temporalmente, mostram cenários semelhantes: o da destruição, com pontos de vista muito distintos e são relatadas quase diariamente pelos autores. Contudo, é possível perceber que essas vozes relatam a experiência circunscrita a uma temporalidade em um espaço específico e reduzido: a infância-adolescência e a guerra.

A primeira questão diz respeito à autoridade de meninos e meninas que escrevem sobre a guerra. Afinal, são escritas infantis, etimologicamente a palavra infância significa: seres destituídos de voz. A segunda questão surge com o texto de Walter Benjamin “O narrador”, em que aqueles que voltam das trincheiras estão mudos, não há narração de experiências, nem histórias para serem contadas. Esse estudo, expressa a falta de histórias a serem contadas, devido a insujeição do indivíduo a primeira guerra, a técnica. Em outro texto, intitulado “Experiência e pobreza”, o autor vincula a pobreza da experiência da narração à falta de sentido da história comum, ao surgimento da burguesia do século XIX. Como bem observa Walter Benjamin na obra “Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo”, na qual reflete sobre a Paris do século XIX, o luxo dos interiores urbanos substituiu a falta da vida experienciado pelo homem público.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

A história comum ganha uma nova dimensão da vivência, uma interiorização em que a solidão é consequência da privatização da experiência. Diante desses pressupostos, aponta-se a questão de que nenhuma narrativa consegue dar conta dos horrores e atrocidades cometidos em guerra, teríamos sempre descrições parciais, o testemunho, então, não existiria enquanto narrativa totalizante.

Observando os estudos de W.Benjamin e Agamben, temos, então: uma mudez de quem poderia testemunhar, entenderíamos a narração como inexistente, pois a condição humana é negada pelos opressores, como o ato de comunicar e expressar qualquer sentimento. Chegamos, então, a nossa segunda questão, como nos diários de guerra escritos pelas crianças-adolescentes podemos dimensionar a questão relativa ao testemunho, à narração e à experiência? A escrita infante ressignifica a experiência coletiva dos horrores de uma guerra, sem a mudez do adulto que passou por um evento traumático, pois ela não se submete aos ardis da memória.

A escrita será entendida nesse estudo como a voz de testemunhas capazes de narrar, pois ainda acreditam em um recomeço, já que Zlata engendra a esperança de um novo início para seus pais e família. Tais relatos - de Zlata e o de Ed- acabam tendo um contorno diferente daqueles citados por Agamben. Os relatos, além de contemplarem formulações dialógicas e dialéticas, entre aquele que escreve, o alcance de sua escrita e as formulações dos leitores, que se emocionam, mas incorrem na impossibilidade de conciliar a natureza real do acontecido, isso cabe apenas aos sobreviventes que desejam falar sobre o assunto ao lerem as narrativas do diário de guerra.

Os leitores recorrem a uma suposição do fato narrado para torná-lo admissível, imaginável, enquanto os autores de tais narrativas, já devem estar inseridos em outro contexto que implica a rememoração dos fatos vivenciados. Como tais circunstâncias circunscrevem-se a infância, a voz do infante dá lugar a do adulto e as relações expressas no diário, em momento distante, ganham novos contornos, por vezes, mais críticos e politizados do que quando o relato foi experienciado e escrito. A voz do adulto que escreveu o diário, rememorando a infância, a adolescência é encontrada nas entrevistas sobre os diários escritos, ou em outros relatos falando daquele momento, contudo essa é apenas uma alusão de como a temporalidade pode conciliar dois tempos o passado e o presente com enfoques distintos através da narrativa – expressão escrita. Ficamos com a narrativa do infante sem cruzar as vozes do passado – infância-adolescência - com o do presente – adulto - para destacar o ato de criação e ressignificação da existência humanizadora na narrativa diarística.

Apresentação



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

Ed Blanco possui entre 19-20 anos de idade e lutou na guerra americana, no Vietnã. Essa guerra, segundo o relato histórico que aparece antes da narrativa escrita do diário, foi a tentativa dos franceses em recuperar o território colonial perdido no final da Segunda Guerra Mundial, porém o Japão controlava esse território desde a Primeira Guerra Mundial. Os nacionalistas, liderados por Ho Chin Minh, um comunista, pediram auxílio aos Estados Unidos para conquistar a independência e livrar-se do controle do Japão.

Nesse período, a Guerra Fria imperava e por causa da posição política de Ho Chi Minh, os Estados Unidos não apoiaram os nacionalistas, mas passaram a apoiar as tentativas francesas de recuperar o território. Essa situação levou à Primeira Guerra na Indochina (1946-54).

Após a derrota do exército colonial francês na batalha de Dien Bien Phu em 1954, o Vietnã foi dividido em norte e sul, o primeiro comunista e a outra metade não comunista. Em Genebra esperava-se que os territórios fossem unificados pelas eleições, que jamais aconteceram, pois nenhuma das partes do Vietnã havia assinado a cláusula que previa as eleições. O presidente Diem, parte não comunista, localizada na região Sul, não tinha interesse que os comunistas tomassem o controle da região. Os Estados Unidos apoiaram a ação da região Sul, enquanto a extinta União Soviética apoiava a região dos vietnamitas do Norte – parte comunista.

Assim, em 1965, os Estados Unidos enviaram seus fuzileiros navais para auxiliar o presidente Diem contra Ho Chi Minh. Após 1968, a população exigia dos Estados Unidos a retirada das Tropas americanas, que começou o trabalho de retirada das tropas lentamente até 1973. Em 1975, o Vietnã do Norte conquista o do Sul.

Ed Blanco, natural de Nova York, filho de pais porto-riquenhos que haviam imigrado para a cidade após a Segunda Guerra Mundial. Ele inscreveu-se no exército em busca de aventuras e novas experiências, contudo não imaginava o que era a guerra, principalmente a do Vietnã, em que a guerrilha vietnamita subjugou, por vezes, os combates americanos. Combates que levaram a maioria dos soldados americanos a desenvolver a paranóia de que o inimigo estava em toda parte. O relato de Ed Blanco situa-se no período de Novembro de 1967 a maio de 1968.

Já o relato de Zlata Filipovic retrata a região da Bósnia-Herzegovina tomada pela Áustria-Hungria em 1878 e anexada por essa região em 1908. O período de sua escrita compreende o espaço de tempo entre setembro de 1991 a Dezembro de 1993.

O período comunista da república foi pacífico, mas o seu autoritarismo levou a um surto de vários nacionalismos. Após a morte de Josip Broz Tito, fundador e presidente da Iugoslávia, em 1980, a tensão étnica entre muçulmanos, sérvios e croatas havia aumentado. Nas eleições de 1990, os partidos nacionalistas derrotaram os comunistas.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

Em 1991, surge o boato de que a Sérvia e a Croácia pretendiam dividir a Bósnia-Herzegovina e iriam manter um pequeno estado muçulmano entre eles. O Parlamento, em outubro de 1991, declarou a soberania da república, mas os sérvios bósnios não aceitaram e fundaram uma Assembleia alternativa. Os conflitos étnicos se seguiram. Na primavera de 1992, unidades paramilitares de sérvios bósnios, apoiados pela Servia assumiram o controle das cidades fronteiras e atacaram Sarajevo. As unidades paramilitares dominaram grandes porções da parte ocidental do país e declararam sua independência em um estado croata. Ficou comprovado que muitos horrores foram cometidos, como a “limpeza étnica” e a existência campos de extermínio e genocídios (FILIPOVIC, Zlata. Guerra dos Bálcãs (1991-5). In: FIPLIPOVIC, Zlata; CHALLENGER, Melanie, et al. Diários de Guerra; Vozes Roubadas. Tradução: Augusto Pacheco Calil. Companhia das Letras, 2008, pág. 257). Diferentemente dos relatos de Ed, um combatente por sua vontade, entendido como o opressor, pois estava em um país diferente do seu prestes a assumir uma guerra ideológica que envolvia a guerra fria e a tentativa de supremacia americana frente a outros países. Em seus relatos, ele fala de crimes de guerra, como o assassinato de inocentes. Já nos relatos de Zlata, tem-se a condição do oprimido que teve parte de sua infância tomada pelas atrocidades da guerra, não entendia o porquê das mortes e não se interessava pelas diferenças ideológicas que envolviam as diversas etnias que ali conviviam. Ambos testemunhas e sobreviventes de guerras, segundo Agambem:

“Em latim, há dois termos para representar a testemunha. O primeiro, *testis*, de que deriva o nosso termo testemunha, significa etimologicamente aquele que se põe como terceiro (*terstis*) em um processo ou em um litígio entre dois contendores. O segundo, *superstes*, indica aquele que viveu algo, atravessou até o final um evento e pode, portanto, dar testemunha disso.” (AGAMBEN, Giorgio, O que resta de Auschwitz. Tradução: Selvino J. Assmann, Boitempo, São Paulo, 2008, pág.27)

Nos dois diários selecionados temos *supérstites*, pois ambos vivenciaram a guerra em seu dia-a-dia, falaram sobre ela, contudo com experiências distintas: Ed como soldado, representando os interesses da guerra pelo ponto de vista do opressor, contudo com uma visão um tanto ingênua. Em um primeiro momento da escrita do diário sobre a guerra, ele refere-se aos mortos em combate como 'bonecos gosmento de plástico enrijecido' (BLANCO, Ed. Guerra do Vietnã (1964-73). In: FIPLIPOVIC, Zlata; CHALLENGER, Melanie, et al. Diários de Guerra: Vozes Roubadas Tradução: Augusto Pacheco Calil. Companhia das Letras, 2008, pág. 236). Enquanto Zlata, representando a figura de quem é oprimido pela guerra, pela sua ação desumanizante, apesar da pouca idade. Zlata dimensiona a perda de amigas e amigos, enquanto para Ed os vietnamitas são



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

anônimos considerados inimigos, que põem em risco a vida dele e a de seus colegas, por isso devem morrer. Há uma relação de medo entre o opressor e o oprimido, mas também essas relações desvelam o absurdo humano de seus limites físicos, psicológicos e na tentativa de sobrevivência frente a situações adversas no caso de Zlata, a doença, a fome, enquanto para Blanco a morte dos 'Vcs' (termo utilizado no diário para representar “vietnamitas” - BLANCO, Ed. Guerra do Vietnã (1964-73). In: FIPLIPOVIC, Zlata; CHALLENGER, Melanie, et al. Diários de Guerra: Vozes Roubadas Tradução: Augusto Pacheco Calil. Companhia das Letras, 2008, pág. 236) garantia sua sobrevivência e a de seus colegas em terras distantes. O aproxima Blanco e Zlata são os relatos de guerra, a narrativa escrita como suporte para desabafar, refletir e as cartas (essas não compõem a narrativa do diário, mas são citadas pelos diaristas) como formas de aproximá-los da família e de amigos. Ed Blanco expressa bem essa relação, quando afirma: “Seja por minha culpa ou não, este diário não tem sido aquilo que eu esperava. Mas foi escrito principalmente para mim, e às vezes uma simples frase pode reavivar uma lembrança e encher minha cabeça de pensamentos” (BLANCO, Ed. Guerra do Vietnã (1964-73). In: FIPLIPOVIC, Zlata; CHALLENGER, Melanie, et al. Diários de Guerra: Vozes Roubadas Tradução: Augusto Pacheco Calil. Companhia das Letras, 2008, pág. 245).

O diário acaba sendo o agente capaz de suprimir a mudez típica da guerra. Por causa da idade dos autores do diário vamos denominá-los de crianças-adolescentes, pois no caso de Zlata a guerra começa quando ela tem quase 12 anos e dura alguns anos, enquanto para Ed Blanco ela inicia-se na passagem da vida adolescente para adulta, entre 19 anos e 20 anos, e quando ele retorna para sua casa, ainda não é considerado adulto, como a narrativa expressa: “Quando seu avião pousou na Califórnia, dezoito horas após deixar o Vietnã, Ed Blanco não foi servido no bar do aeroporto por ser considerado menor de idade, apesar do uniforme e de ser um veterano de guerra.” (BLANCO, Ed. Guerra do Vietnã (1964-73). In: FIPLIPOVIC, Zlata; CHALLENGER, Melanie, et al. Diários de Guerra: Vozes Roubadas Tradução: Augusto Pacheco Calil. Companhia das Letras, 2008, pág. 252).

Reflexões

Primeiramente, entende-se que a experiência narrativa do universo adulto é diferente daquele vivenciado pela criança ou adolescente. A criança e o adolescente possuem uma verdade em seus relatos, pela significação de totalidade inscrita na representação discursiva do diário. A experiência de Zlata, geralmente é relatada em dois espaços distintos, o anterior a guerra e o durante a guerra.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

Esses espaços temporais são constantemente lembrados, o anterior, geralmente, descreve as belas motivações da infância, passeios e brincadeiras ao ar livre, aulas regulares no colégio, aulas de música ou teatro.

A experiência de Ed é muito concentrada na guerra, ele se preocupa com a família: como ela estaria recebendo as informações de guerra e também como estariam ou seriam as preocupações dela com ele. Os relatos quase diários concentram-se nas descrições das pessoas que ele conhece, do comportamento dos combatentes de guerra, das disputas internas entre os fuzileiros, do número de mortos, mas também apresenta a crueldade na morte dos civis, mulheres, crianças, idosos. Ed segue algum tempo na guerra, executando sua tarefa como se tudo fosse “uma cena de filme” (BLANCO, Ed. Guerra do Vietnã (1964-73). In: FIPLIPOVIC, Zlata; CHALLENGER, Melanie, et al. Diários de Guerra: Vozes Roubadas Tradução: Augusto Pacheco Calil. Companhia das Letras, 2008, pág. 232), como ele mesmo comenta.

Assim, pode-se dizer que os autores percebem e têm relações muito diferentes com a guerra. Enquanto Zlata dimensiona a morte como presente nos espaços da vizinhança, de sua casa e na rua, Blanco acredita que muitos fuzileiros iriam sair feridos, apenas no final dos seus relatos, quando machucado e com a perda de um amigo é que ele entende a proximidade da morte. “Deitei na minha cama, mas comecei a pensar em Joe. Lembrei dele jogando beisebol e do seu casamento com Susie, a quem ele amava tanto. Éramos próximos, como irmãos. Provavelmente ele pensou que não pudesse morrer, como eu penso. Nós dois estávamos errados.” (BLANCO, Ed. Guerra do Vietnã (1964-73). In: FIPLIPOVIC, Zlata; CHALLENGER, Melanie, et al. Diários de Guerra: Vozes Roubadas Tradução: Augusto Pacheco Calil. Companhia das Letras, 2008, pág. 250)

Assim, em parte da narrativa de Ed Blanco não há um envolvimento com a guerra, nem traumas em combater, a busca por novas experiências era sinônimo de aventura. Porém, como vindo de uma outra nação, ele é o invasor e a sua narrativa contribui como testemunho da ingenuidade de rapazes que tornaram-se fuzileiros para viver perigosamente e é com as perdas de amigos que eles amadurecem.

As mortes para serem perdas estão vinculadas a relação de afeto vivenciada. Encontra-se em seus relatos exclamações de horrores vistos, como a morte de uma mulher grávida, mas não o embaraço ou vergonha do combatente nessas mortes. Somente quando morre Joe, amigo de Blanco, é que a guerra mostra seu lado frio e sombrio para o autor.

O sentimento de medo e a reflexão sobre a vida e a morte surge com a perda de Joe, na cama do hospital, na solidão da escrita, na situação de afeto, assim Ed dimensiona a guerra em um plano próximo, até então, ele não havia demonstrado envolvimento aos desmandos e horrores



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

presenciados.

Para Zlata os horrores vivenciados pela guerra estão na destruição, seja da cidade amada ou de sua casa. Ela ocupa outro papel: o da oprimida; seu lar é destruído, o afeto e a lembrança depositados nas relações com os amigos e família, partilhado nos lugares públicos e em casa – particular - constroem a relação de perda dos ambientes comuns, os combatentes de guerra violam esses espaços, suas lembranças, enfim sua vida.

Como a autora do diário e organizadora do livro, “Vozes Roubadas”, Zlata Filipovic, condena sistematicamente “os moleques” (FILIPOVIC, Zlata. Guerra dos Bálcãs (1991-5). In: FIPLIPOVIC, Zlata; CHALLENGER, Melanie, et al. Diários de Guerra; Vozes Roubadas. Tradução: Augusto Pacheco Calil. Companhia das Letras, 2008, pág. 278 - traduzido como apelido dado aos políticos, com a expressão entre aspas, pois era utilizado no contexto cultural e familiar da autora) responsáveis pela política. A autora não entende as razões da guerra e percebe as lacunas que existem na ideologia das raças que motivaram os conflitos na antiga Iugoslávia. “Entre meus colegas, entre nossos amigos a servios, croatas e muçulmanos. O resultado é um grupo muito variado de pessoas e eu jamais soube quem era sérvio, quem era croata, quem era muçulmano. Hoje a política enfiou o nariz na história toda e marcou os sérvios com um S, os muçulmanos com um M e os croatas com um C. A política quer separá-los” (FILIPOVIC, Zlata. Guerra dos Bálcãs (1991-5). In: FIPLIPOVIC, Zlata; CHALLENGER, Melanie, et al. Diários de Guerra; Vozes Roubadas. Tradução: Augusto Pacheco Calil. Companhia das Letras, 2008, pág.278).

Enquanto o espaço presente, no relato, situa a desumanização nas relações, como Zlata expressa: pessoas que conversavam, que se tratavam com laços de amizade, agora são inimigas.

Em tempos de guerra, o confinamento é comum, os limites humanos são testados, pois a fome a sede, e a morte a acompanham, assim é necessário encontrar novos espaços para desabafar, compartilhar e refletir sobre os acontecimentos vividos, a esfera da escrita ganha a dimensão desse espaço. A escrita é significativa por relatar a sequência de acontecimentos vivenciados em tempos de guerra, já que não é possível encontrar-se para conversas informais, pois os espaços coletivos, são agora, espaços ocupados por estranhos, como nas referencias de Zlata, ou se está em território estranho, como no caso de Ed.

Durante a experiência da guerra, essas crianças-adolescentes são privadas da companhia dos amigos e de suas atividades rotineiras, ressignificam a perda e do medo, são testemunhas de circunstâncias inóspitas e algumas vezes sem sentido para eles, como Ed Blanco afirma: “Falei de um ódio pelos Vcs que na verdade não sinto” (BLANCO, Ed. Guerra do Vietnã (1964-73). In: FIPLIPOVIC, Zlata; CHALLENGER, Melanie, et al. Diários de Guerra: Vozes Roubadas Tradução: Augusto



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

Pacheco Calil. Companhia das Letras, 2008, pág.250).

É oportuno refletir como as formulações feitas pela oralidade e essenciais na transmissão de ensinamentos familiares e culturais, na guerra ficam mudas, os familiares falam pouco e geralmente não é sobre a guerra, são descritos nas narrativas como sempre preocupados. A mudez já enunciada por W. Benjamin e outros autores posteriores como Agamben refletem bem sobre as questões relativas a experiência, o testemunho e a história. Como afirma Agamben: “Se, na relação entre o dito e o seu ter lugar, o sujeito do enunciado podia, realmente, ser colocado entre parênteses, porque o ato de tomar a palavra já havia ocorrido, a relação entre a língua e a sua existência, entre a *langue* e o arquivo, exige por sua vez, uma subjetividade como aquilo que atesta, na própria possibilidade de falar, uma impossibilidade de palavra. Por tal motivo, ela se apresenta como *testemunha*, pode falar por quem não pode falar. O testemunho é uma potência que adquire realidade mediante uma impotência de dizer e uma impossibilidade que adquire existência mediante uma possibilidade de falar.” (AGAMBEN, Giorgio, O que resta de Auschwitz. Tradução: Selvino J. Assmann. Boitempo, São Paulo, 2008, pág. 147). A função desumanizante da guerra ganha uma dimensão na escrita através do relato diário das crianças-adolescentes. Pode-se entender que o diário possui a função de amiga, em Zlata, que o intitula Mimmy, enquanto que para Ed Blanco ele é precioso. Em ambos, eles são construções contextualizadas em um determinado período, o da guerra. O diário, nesses casos de forma específica, não existe anterior a guerra, mas sempre durante ela, essa afeição ao diário, a história, pode ser entendida em um âmbito que é particular, a do narrador, que precisa contar suas experiências, desabafar sobre os seus tormentos, mas também recai sobre o paradoxo desejo de que ele se torne um testemunho acerca dos horrores da guerra para outras pessoas através da leitura.

A esses leitores fica a reflexão sobre a formulação desses relatos sobre a guerra, tornando-o : “[...] segundo o testemunho dos sobreviventes, o torna absolutamente verdadeiro e, ao mesmo tempo, inimaginável” (AGAMBEN, Giorgio, O que resta de Auschwitz. Tradução: Selvino J. Assmann. Boitempo, São Paulo, 2008, pág. 83).

Ainda segundo Agamben:

“No grego, testemunha é *martis*, *mártir*. Os primeiros padres da Igreja derivaram daí o termo *martirium*, a fim de indicar a morte dos cristãos perseguidos que, assim davam testemunhos de sua fé” (AGAMBEN, Giorgio, O que resta de Auschwitz. Tradução: Selvino J. Assmann. Boitempo, São Paulo, 2008, pág. 35). O autor afirma que o acontecido nos campos não se relaciona a essa acepção da igreja, pois em um campo de concentração os prisioneiros não estão testemunhando sua fé. E ele relembra que *martis* deriva de um termo que tem como verbo recordar.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

Apesar dos relatos, escolhidos para essa análise não falarem de campos de concentração, eles nos fala de massacres sem precedentes, de bombas sendo atiradas tendo como alvo a população, mulheres, crianças, famílias e amigos das crianças-adolescentes. Assim como expressam duas visões distintas sobre a guerra a visão do opressor e a do oprimido como capazes através da escrita continuarem obstinados seja na resistência pela sobrevivência – Zlata - ou no combate - Ed. Fica a impressão de narrativas equidistantes em relação ao olhar lançado ao objeto, nas diferentes formulações em relação a guerra, mas observa-se a escrita tomando a dimensão da oralidade e substituindo a mudez pela possibilidade de narrar o inenarrável.

Conclusão

A escrita do diário, então, torna-se para essas crianças-adolescentes a busca de um rosto humano em meio ao desfazimento de todos os rostos e todos os laços sociais. Em um mundo onde não há mais ordem nem disciplinas, onde todas as regras foram quebradas, a escrita se apresenta como uma necessidade de ordem, de sentido. O diário íntimo passa a ter um amplo aspecto temático dentro desse universo reduzido oriundo da guerra. Relata banalidades do cotidiano, mas também é o relato da esperança, do reinício, e da ressignificação da experiência. Este encontro consigo mesmo é feito através da escrita, que possui um caráter quase sacro em um mundo profanado pelo horror da guerra. Ed blanco sente-se em dívida com um sargento que recolheu seu diário do chão, para Zlata seu caderno passa a ser grande confidente e amiga.

Todo o cotidiano da guerra é marcado pela repetição dos horrores e pela dessensibilização de todo olhar humanizador, não há consolo nem na rua nem em casa. Na guerra perde-se até o conforto da vida privada. Zlata perdeu todo o conforto da adolescente, seus mimos, seu piano, sua música. O conforto de sua casa foi banido e limitado ao porão, seus animais de estimação ao longo da guerra morrem, e o medo dos bombardeios incessantes banira o prazer da menina de estar em qualquer parte de sua cidade.

No caso da garota não há vida pública nem o conforto da vida privada que protege e consolida a identidade burguesa.

Somente através da escrita, na qual conta-se a história pessoal para reconstruir novos sentidos e ficcionaliza-se de certa forma a sua existência para os leitores, podendo subtrair a mais primária concepção de sentido. A escrita., início de todo o processo civilizador, separa o homem do puro reino do animal.

Os diários afastaram os jovens por uns instantes do reino da necessidade imposto pela guerra e os



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

inscrevem no panorama humano da liberdade. Não se é apenas um soldado que se vê obrigado por seus superiores a atirar em todos os que encontrarem pela frente, inclusive civis, como Ed Blanco. Através da escrita se pode sonhar, subvertes as hierarquias. O soldado se transforma em um garoto que rejeita o mundo assistido, porém obrigado a viver. Nesse caso, a escrita torna-se o espaço da recusa e da verdade pessoal. Somente nos textos escritos por Ed Blanco podemos saber que o seu inicial entusiasmo com a guerra sucumbiu diante dos horrores contemplados diariamente e de um sério ferimento perpetrado pelos inimigos.

O diário é o gênero em que o autor se crê portador da verdade, não se pode mentir para um diário. Isso talvez seja herança do papel que o cristianismo imputou aos diaristas quando recomendava que os fiéis mantivessem um diário para um exame de consciência.

Para Zlata é somente através da escrita que se pode pensar em algo, além de comida e do frio que atormentava constantemente ou da saúde frágil dos familiares; foi a escrita também do diário que permitiu que Zlata escapasse mais cedo da guerra, pois a publicação do seu diário levou-a à Paris e aos quatro cantos do mundo. A escrita desse diário teve uma função quase redentora para a jovem, pois proporcionou uma vida melhor para ela e para os seus, mesmo não sendo essa a função de um diário de guerra. Nesse sentido, entende-se o diário de guerra como o clamor da experiência sem desejo de repetições, ou uma denúncia para que o horror não mais se repeta entre os homens.

Pode-se conceber também essa escrita, em meio as mazelas e dificuldades pessoais e familiares sofridas, como formulações de uma experiência narrável de combatentes de um mundo livre das agressões perpetradas contra jovens e crianças, idosos e mulheres testemunhas dos horrores das guerras, mas mudos diante das atrocidades ocorridas. São esses jovens, crianças e adolescentes autores, sujeitos possíveis de enunciar sobre a desumanização das relações pessoais através da escrita pessoal, levando a outros a refletirem sobre questões políticas e culturais, sobre as relações de poder e a falta de sentido para os civis e combatente da guerra, como Ed Blanco.

Tal afirmação é possível, pois entende-se que o infante possui uma capacidade de ressignificar tal experiência por ela ocorrer em um momento do despertar da criança e do adolescente no universo adulto. Contudo, se as circunstâncias desse despertar se dão em meio à guerra, os seus estímulos, antes circunscritos a um espaço de brincadeiras, e alguns afazeres domésticos, passa por um descompasso em que as percepções ganham outros significados: o da perda, o da morte, o da fome, o da doença, entre outros. Não existe um espaço apenas deslocado da vida dessa criança-adolescente, mas subtraem-se os conhecimentos anteriores e soma-se aquela situação limite - a da guerra. Um dos poucos signos modificados nessa estrutura é a palavra: seja em sua representação oral como escrita. Em tempos de guerra quase ninguém está disposto a falar sobre o que nela



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

ocorre, nem aqueles que escrevem sobre tal assunto, como se a escrita pudesse manter o silêncio da fala, mas nessa é possível relacionar as dimensões críticas vividas de forma pessoal e coletiva naquele momento. W. Benjamin, afirma, em “ A doutrina das semelhanças”, que “O contexto significativo contido nos sons da frase é o fundo do qual emerge o semelhante, num instante, com a velocidade do relâmpago”. (BENAJMIN W. a, A doutrina das semelhanças. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. 7ª ed./ 10ª impressão. Brasiliense, 1996, pág.112).

O horror sempre retorna, a história se repete como farsa, representada por líderes que justificam seus assassinatos, contando supostas verdades em que ninguém mais acredita. “A crise econômica está diante da porta, atrás dela está uma sombra, a próxima guerra. A tenacidade é hoje privilégio de um pequeno grupo dos poderosos, que sabe Deus não são mais humanos que os outros, na maioria bárbaros, mas não no bom sentido. Porém os outros, precisam instalar-se, de novo e com poucos meios.” (BENAJMIN W. b, Experiência e Pobreza. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. 7ª ed./ 10ª impressão. Brasiliense, 1996, pág. 119).

Quem sabe, pode-se entender como “outros”, essas crianças-adolescentes que escrevem em tempos de guerra, pois os diários de guerra ajudam a contar o cotidiano, onde a oralidade, os “bate papos” conhecem a mudez. São pequenas histórias que sempre ajudarão os leitores a questionar os mandantes das guerras e apresentar e reapresentar a face humana e desumanizante de uma guerra, seja na visão do oprimido – como em Zlata -, ou do opressor - como Ed Blanco.

Referências Bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. O que resta de Auschwitz. Tradução: Selvino J. Assmann. Boitempo, São Paulo, 2008.

BLANCO, Ed. Guerra do Vietnã (1964-73). In: FIPLIPOVIC, Zlata; CHALLENGER, Melanie, et al. Diários de Guerra: Vozes Roubadas Tradução: Augusto Pacheco Calil. Companhia das Letras, 2008.

BENJAMIN, Walter. Magia e Técnica, Arte e Política. Brasiliense, São Paulo, 1996.

_____ a, A doutrina das semelhanças. In: BENJAMIN, Walter. Magia e Técnica, Arte e Política, Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. 7ª ed./ 10ª impressão. Brasiliense, 1996.

_____ b, Experiência e Pobreza. In: BENJAMIN, Walter. Magia e Técnica, Arte e Política, Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. 7ª ed./ 10ª impressão. Brasiliense, 1996.

_____ c, O narrador. In: BENJAMIN, Walter. Magia e Técnica, Arte e Política, Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. 7ª ed./ 10ª impressão. Brasiliense, 1996.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. *Escrituras de la Memoria.*

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

_____ Charles Baudelaire; um lírico no auge do capitalismo. Tradução; José Carlos Martins Barbosa; Hemerson Alves Baptista. 1ª ed. - Obras escolhidas vol. 3- Brasiliense, São Paulo, 2004.

FIPLIPOVIC, Zlata; CHALLENGER, Melanie, et al. Diários de Guerra; Vozes Roubadas. Cia das Letras, São Paulo, 2008.

FILIPOVIC, Zlata. Guerra dos Bálcãs (1991-5). In: FIPLIPOVIC, Zlata; CHALLENGER, Melanie, et al. Diários de Guerra; Vozes Roubadas. Tradução: Augusto Pacheco Calil. Companhia das Letras, 2008.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. História e Narração em Walter Benjamin. Perspectiva, São Paulo, 1994.